

AS CEBs MORRERAM! VIVAM AS CEBs!

1. INTRODUÇÃO

¹ Abreviação comum no Brasil para Comunidades Eclesiais de Base.

O nono encontro nacional das CEBs¹, realizado em julho de 1997, em São Luís do Maranhão, é uma boa ocasião para se refletir sobre a situação atual e futura das comunidades de base no Brasil.

Através do encontro intereclesial temos uma visão geral das CEBs, visto que seus participantes vieram enviados pelas bases.

1.1. Profetas de mau agouro anunciam a morte das CEBs

Não é segredo para ninguém o murmúrio que se ouve aqui e acolá de que as CEBs morreram e, portanto, não deveriam figurar mais nos planos pastorais (diocesanos, paroquiais, congregacionais) como uma das prioridades de ação. Os argumentos levantados em favor da tese de que as CEBs morreram assentam-se em alguns fatos visíveis da vida da Igreja. Primeiro, vê-se o enorme sucesso de grupos carismáticos (católicos e não católicos) que aparecem como a única forma legítima de expressão da religião. Esses grupos, diz-se, sabem tomar distância do mundo, especialmente no que tange à política e outros ambientes profanos. A religião deve constituir como que um espaço separado, autônomo, próprio. Nesse espaço as relações com Deus devem ser verticais, isto é, o louvor e a liturgia devem ocupar um lugar central, pois só através deles podemos nos comunicar com Deus.

Outro argumento a favor da morte das CEBs diz respeito à teologia que a sustentou até agora. Todos sabem que CEBs e Teologia da Libertação (TdL) são termos sinônimos. As CEBs são uma espécie de concretização, em termos eclesiais, da TdL. Ora, essa teologia parece ter caído em descrédito depois da queda do muro de Berlim. Há quem afirme que a TdL já morreu e brevemente será substituída. Se, pois, a teologia que sus-

tenta as CEBs está morta, nada mais se pode esperar que as próprias CEBs também o estejam.

Além disso, as CEBs prosperaram dentro de um regime ditatorial onde se devia lutar pela justiça e portanto onde o papel de uma oposição se compreendia mais facilmente. Essa dimensão "política" das CEBs era até tolerada dentro de um regime de exceção. Entretanto, desde que voltamos ao regime democrático, não cabe mais essa atitude combativa de oposição. Já existem meios democráticos para se conseguir a melhoria social de grupos marginalizados, não sendo mais necessário que a Igreja dê um suporte para que alguns grupos se expressem dentro da sociedade.

Todos esses argumentos procuram demonstrar que não se pode esperar muita coisa de um movimento de Igreja cujos fundamentos são mais de nível social que teológico.

1.2. O entusiasmo contagiante do IX Encontro das CEBs

Assistindo ao 9º Encontro Intereclesial das CEBs, qual não é a surpresa ao depararmos com três mil pessoas reunidas para discutir os grandes desafios da nação. Ademais, trata-se de levar adiante a mesma atitude que inspirou os primeiros encontros de CEBs de vincular fé e vida. O entusiasmo dos participantes é contagiante. As celebrações preparadas e vividas pelos que estiveram presentes nos diversos grupos de trabalho dão testemunho da vitalidade e da esperança de cada um deles no sentido de demonstrar que o futuro das CEBs não só está traçado, como sempre esteve desde o início, mas continua se revitalizando com novas esperanças e buscas para solucionar problemas e desafios novos. Por isso, podemos dizer com convicção que as CEBs morreram. De fato, numa perspectiva evangélica, se o grão não morre ele não pode produzir fruto (Jo 12, 24). Muitos modelos de CEBs ainda vigentes na cabeça de muita gente, estão mortos e devem ser enterrados. Alguns desses modelos talvez existissem mais como modelos (teóricos) do que como experiências concretas. Trata-se aqui daqueles modelos de CEBs compreendidos como puro instrumento político para se conseguirem transformações sociais, modelos que exprimiam reivindicações dentro da Igreja. Modelos que viam as CEBs como algo fora da Igreja. Ora, esses modelos morreram. Essas CEBs estão mortas. Talvez nunca tenham existido na realidade. São mais caricaturas que devem realmente deixar de viver e de povoar as cabeças das pessoas. Resquícios disso ainda se podem detectar em artigos de jornais e mesmo em livros quando se referem às CEBs. Se esses modelos estão mortos, qual é, então o modelo que está vivo? Qual o verdadeiro rosto das CEBs de hoje?

2. “VEM PRAS CEBs, OPERÁRIO, É O REINO EM MUTIRÃO”

São Luís do Maranhão e suas comunidades eclesiais de base se prepararam por cinco anos e a festa foi linda. Na terra de poetas, mártires e do babaçú (coqueiro típico da região), de 15 a 19 de julho último, aconteceu o 9º Encontro Intereclesial. E participar deste momento “único” na história, foi oportunidade única de “beber na fonte”.

2.1. Estação da Ilha

O trem das CEBs conquistou mais um vagão. Vagão engrenado num dos berços das CEBs, o Maranhão. Uma história de muitas comunidades espalhadas pelo Estado inteiro. História da base que, nascida nas rezas do terço, nas festas de padroeiros, se desenvolveu na articulação bem ligada à coordenação da Comissão Pastoral da Terra (CPT). E a maior força do motor do trem das CEBs foi a leitura da Bíblia que se tornou instrumento de conscientização e de aprofundamento da fé. Desta leitura, surge o compromisso com a transformação da realidade eclesial, política e social. E a ligação entre a Palavra de Deus com os fatos da vida se fez. Fé e vida ligados. Os pobres, através das CEBs, descobriram seu espaço, começaram a refletir sobre política e perderam o medo de denunciar as injustiças. Os pequenos tornam-se sujeitos nas CEBs.

2.2. Nos trilhos da história

O Intereclesial, cujo nome reflete a preocupação em se preservar a autonomia das Igrejas particulares, mesmo que a maioria absoluta das dioceses (94%) hoje se faça representar, propõe abertura à contribuição vinda das Igrejas não-brasileiras e não-católicas.

A primeira iniciativa surgiu em 1975, quando, em Vitória do Espírito Santo, se reuniram setenta pessoas vindas de sete Estados brasileiros, na sua maioria agentes de pastoral, juntamente com bispos e assessores. A intenção inicial de se criar um espaço de reflexão para bispos e assessores, levou à abertura aos representantes das próprias comunidades. E, em sintonia com os “novos ventos” que passaram pela Igreja depois do Vaticano II e das Conferências dos Bispos da América Latina em Medellín e Puebla, o tema do Encontro foi “CEBs: uma Igreja que nasce do povo e pelo Espírito de Deus”.

No meio do ano seguinte, na mesma estação de Vitória, realizou-se o segundo Encontro Intereclesial, com 100 participantes, sendo reservada a metade das vagas para representan-

tes das comunidades de 24 Dioceses, de 17 Estados. Momento de partilha das realidades trazidas das CEBs através de 16 relatórios, sendo aí refletidas e aprofundadas. A mesma dinâmica havia sido usada no primeiro, quando chegaram 10 relatórios. A problemática da eclesialidade das CEBs, como no primeiro Encontro, foi central. O engajamento das CEBs nas lutas sociais e políticas da época fazia com que recebessem muitas críticas quanto à sua pertença à Igreja. A partir do grande paradigma, inspirado no Vaticano II, de que a Igreja era o Povo de Deus em marcha, buscando sua libertação, a exemplo do povo judeu, no tema se afirmou: “CEBs: Igreja Povo que Caminha”.

No terceiro encontro, em João Pessoa (Paraíba) de 19 a 23 de julho de 1979, ano da anistia, dois terços das vagas foram reservadas para os representantes das bases. Foi característica deste encontro uma maior diversidade na participação com a presença dos indígenas, dos evangélicos e de convidados de outros países e continentes. Hoje continua-se a cultivá-la. O tema — “Igreja: povo que se liberta”, traduz na metodologia a nova fase. O povo das comunidades que, diante das estruturas sufocantes, reflete a palavra, rompe o silêncio, sai em busca de seus direitos e da construção de sua própria história. Era o engajamento nas lutas sociais, um dos motores do trem das Comunidades Eclesiais de Base.

2.3. De apitos e sonhos

Na década de 80, marcada pela democratização “lenta e gradual” e pelo fim da ditadura militar, as comunidades expressaram em 1981, no Encontro de Itaiçara, seu desejo de mudanças no país. Da anterior ótica de resistência, este encontro passa para a ótica da organização: os oprimidos se organizam para participarem na definição de sua vida. Reuniram-se 280 participantes, vindos de 71 dioceses de 18 Estados brasileiros, sendo 184 representantes da base. Trabalharam o tema “Igreja: povo oprimido que se organiza para a libertação”, gerando muita polémica com relação à participação das CEBs nas organizações locais, nos sindicatos e partidos.

Em julho de 1983, na Canindé do Ceará, estação nordestina de romarias, o número de 500 participantes dá um caráter mais massivo para o 5º encontro. Quase todos os estados brasileiros estavam representados, sendo que a metade vinha das bases. O tema: “CEBs: povo unido, semente de uma nova sociedade”, expressa o desejo da construção de uma nova sociedade, bem como a consciência por parte das CEBs de que o protagonismo nas lutas sociais e políticas cabe a um segmento maior da sociedade, onde os cristãos estão inseridos nas organiza-

ções populares, sindicais e políticas, tendo estas, autonomia diante das CEBs. Propostas concretas de ação fizeram parte da “Carta de Canindé”. Outra característica marcante deste encontro, foram as liturgias e celebrações que começaram a receber um destaque maior como antecipação da realização do sonho do novo na comunidade eclesial.

Em Trindade, Goiás, em 1986, quando havia acabado a ditadura militar, dois anos depois da campanha das “Diretas Já” e um ano após a eleição de Tancredo Neves, e início da “Nova República”, o número de participantes no 6º Encontro foi de 1.647, sendo 742 da base. Aumentou também a atenção ao encontro por parte de significativos setores da Igreja e sociedade. O tema: “CEBs: Povo de Deus em busca da Terra Prometida”, foi extrapolado por questões emergentes como “o novo jeito de ser Igreja e de toda a Igreja ser”. O caráter festivo do Encontro foi dado pelo aspecto celebrativo, o uso de gestos, símbolos, cartazes, faixas, perdendo assim, um caráter de estudo e aprofundamento da temática. Tal característica passa a ser trabalhada nos intereclesiais regionais.

O 7º Encontro, com coordenadas dadas pelo anterior, reuniu 2.550 pessoas. Entraram no “Trem”, além das CEBs do Brasil, delegações latino-americanas (83 pessoas de 19 países) e evangélicas (12 Igrejas enviaram 120 representantes). O evento, realizado em Duque de Caxias (RJ), no ano de 1989, teve um caráter mais universal. Nem tudo foi festa. Muitos ataques principalmente com relação à TdL, sendo as CEBs questionadas por discutí-la. Tal opção se mostra evidente no tema: “CEBs: Povo de Deus na América Latina a caminho da Libertação”.

2.4. Celebrar do nosso jeito

O tema da Cultura veio botar mais lenha na caldeira do Trem das CEBs, em Santa Maria, Rio Grande do Sul, em 1992, quando, 2.238 delegados brasileiros discutiram, junto a 88 latino-americanos e 106 evangélicos, o tema “CEBs: culturas oprimidas e a evangelização na América Latina”. Os traços da cultura vivida por índios, mulheres, negros, trabalhadores e migrantes, foi base para uma temática específica discutida em cinco blocos de trabalho. Algumas polêmicas afloraram com maior intensidade e abriram a possibilidade de um maior aprofundamento nos próximos encontros: o lugar das mulheres na sociedade e na Igreja; a convivência ecumênica, não apenas com Igrejas-irmãs evangélicas mas também o diálogo inter-religioso com as religiões de origem africana e indígena.

Neste oitavo encontro intensificou-se o caráter celebrativo e orante, ao mesmo tempo que foi o mais conflitivo e forte nas expressões de sua Carta Final. As questões políticas e econômi-

cas, que haviam predominado nos encontros anteriores, deram lugar à temática da Inculturação.

2.5. Festa na estação São Luis

O 9º Intereclesial, em São Luís do Maranhão, se propôs continuar, em muitos aspectos, o que já fora iniciado nos anteriores. O número de participantes se situou na mesma ordem; a reflexão se desenvolveu em blocos, a liturgia e a celebração receberam lugar de destaque. E os números são uma prova de que as CEBs estão vivas! Renascidas! 2.359 delegados vindos de 240 dioceses de todo o Brasil que, somando-se aos 57 bispos, 66 irmãos de Igrejas Evangélicas, 65 de outros países da América Latina e Caribe, 53 representantes de 33 Povos Indígenas, 89 irmãos solidários vindos do mundo inteiro, e, aos 53 assessores e assessoras, totalizaram 2.798 participantes, todo este conjunto deu ao nono vagão, um colorido mais ecumênico, mundial e pluriétnico.

Os preparativos para o 9º Intereclesial vêm desde 1992, quando, por unanimidade, no 8º Encontro, São Luís foi escolhida como a próxima estação. A preparação se deu em nível nacional e institucional através da Comissão Ampliada, composta por representantes da CNBB e representantes do 8º Intereclesial. Deliberou as grandes linhas e temáticas, definidas então em fóruns periódicos e a nível local, sob responsabilidade de um Secretariado das CEBs. Discussões, encontros, reuniões, seminários, aconteceram nas paróquias, dioceses e regionais do Maranhão. A Comissão Ampliada vem desde o 6º Encontro como iniciativa de definição de conteúdo. O 9º traz como novidade dos seminários o diálogo entre as CEBs e a CNBB, fundamental para a definição de linhas de atuação. Tal diálogo objetivou promover o entendimento entre diversos setores envolvidos na organização, os quais são compostos por leigos, padres, religiosos e bispos.

Todo este processo revigorou as forças da caminhada das CEBs no Maranhão. Segundo o Pe. Jean Marie van Damme, assessor do Secretariado das CEBs para o nono encontro e coordenador da Área de Documentação, *“as forças que prevaleceram neste processo funcionaram para revigorar todo o movimento das CEBs, que parecia estar paralisado e, com certeza vai deixar em alta os ânimos de todos os cristãos”*. Um fator diferencial do 9º Intereclesial com relação aos três últimos, é a *“ênfase dada à organização, à luta e à resistência dos povos, ainda que num momento conjuntural mais difícil. Os três últimos Intereclesiais, embora dentro de uma perspectiva engajadora, encaminharam-se para um encontro de caráter mais celebrativo”* concluiu o padre. Como bem expressou a coordenadora do IX Encontro Intereclesial, Luzinete, *“Este 9º Intereclesial*

como sendo uma fonte de vigor, um mutirão bonito, uma experiência que enriqueceu a todos..., agora colhemos os frutos desta terra semeada por todos nós. Um experiência de solidariedade, compromisso, partilha de correção fraterna... que serve de testemunho para a Igreja do Maranhão, do Nordeste, do Brasil e até do mundo..."

2.6. De braços abertos

Por conta da organização do Encontro, nas equipes de serviço, eram mais de 1.300 voluntários e voluntárias das comunidades da cidade e região, com uniformes coloridos e muita simpatia.

A calorosa e marcante acolhida às delegações dos 16 Regionais da Igreja Católica no Brasil, começou nas comunidades das estradas do Maranhão. A maior delegação foi a de São Paulo, com 350 delegados, e as mais animadas foram as do Nordeste 1 (Bahia e Sergipe) e do Leste 1 (Rio de Janeiro).

Em São Luís, as comunidades e 1.800 famílias de 21 bairros da cidade receberam-nos com o mesmo carinho. Na casa de dona Dolores, seu Raimundo e Júnior, da comunidade N. Sra. Aparecida do Camboa, uma CEB de fé e luta pela vida das crianças, da paróquia dos Remédios, alguém pôde viver gostosos momentos de partilha, ao voltar para descansar. O título do presente seção, reproduz a acolhida expressa em um cartaz na secretaria paroquial: "Vem pras CEBs, operário, é o Reino em mutirão".

Nas comunidades eclesiais de São Luís, a participação foi intensa e ampla. Pessoas de diversas idades, pastorais e movimentos se juntaram neste grande mutirão, num processo democrático e festivo de muito trabalho e animação.

2.7. "Nuestros hermanos lhezaron"

Antecedendo ao 9º Intereclesial, aconteceu o Encontro Latino-Caribenho das CEBs, reunindo 80 representantes das CEBs de 18 nações, mostrando que as CEBs, enfrentando desafios, tem sido experiência que, lentamente, se expande para além de seu país de origem. Assim tem sido o desafio da inculturação de nossa Igreja desde os tempos primeiros das comunidades primitivas. Hoje, ressurgem apelos locais e regionais de nossos povos, com seus anseios e valores, questionando igualmente o modo de ser de nossa Igreja no mundo.

Desde Trindade, no 6º Encontro, em 1986, a presença de representantes de outros países tem sido marcante. No 9º Intereclesial o espaço de participação dos representantes hispano-caribenhos, como valorização de sua presença e participação, foi maior, através deste encontro específico de preparação de 13 a 14 de julho. Na programação, a partilha de experiências sobre a caminhada

das CEBs nos países representados, tomando por base as respostas ao questionário previamente enviado pelos representantes; e, em seguida, os participantes receberam informações sobre a organização do 9º Encontro Intereclesial. Sua bagagem, suas experiências de CEBs, bem como suas sugestões para a caminhada ajudam a construir um novo jeito de ser Igreja, onde as CEBs sejam realmente "Fermento na Massa".

2.8. Na bagagem: fermento bom na massa

As CEBs não têm a pretensão de se tornarem único modelo de Igreja, ou de que a massa se torne CEB. As CEBs são pequenos grupos dentro da grande massa católica. Atingem 10, 20, 30% do povo, quando muito. Por três décadas, fizemos trabalho de base, trabalho miúdo, de pessoa a pessoa, de conscientização e organização popular. Não dominamos, contudo, a metodologia do trabalho de massa. Segundo Pedro Ribeiro de Oliveira, "*o trabalho de massa é de qualidade diferente da atividade de massa. Tem como objetivo: ligar o pequeno grupo à grande massa. Esta ganha um grupo referência no qual se apoia, não deixando de ser massa. Assim funciona com a própria Igreja católica, o sindicato, os partidos políticos...*".

Três processos são indispensáveis para que haja uma ligação entre o pequeno grupo e a grande massa: a identificação, pela qual a pessoa, por mais que afastada da prática da comunidade, diz: "aquela é minha comunidade". Pois ela se vê envolvida em atividades de massa, romarias, festas.... O segundo processo que vai no sentido das CEBs para a massa, é o da orientação. Ele acontece a partir da sensibilidade da comunidade para com os anseios da massa; junto a ela, busca orientação quanto à melhor maneira de realizar seus desejos. Muito ajudam os meios de comunicação. É colocar-se a serviço da massa sem manipulação. Há que saber ouvir. O terceiro processo vai da massa para a CEB; consiste na confiança conquistada por parte da CEB junto à massa. "Confiança que deve ser fundada na verdade e, jamais permitir a manipulação simbólica".

Enfim, o trabalho de massas, revela a vocação missionária das CEBs. O que dará sustentação a este trabalho continuará sendo o trabalho de base. Ambos se complementam.

O tema "CEBs, Vida e esperança nas Massas" dá expressão à preocupação com a implantação de uma sociedade feita sob medida, em que a individualidade de cada pessoa e de cada grupo social corre o risco de ser destruída e pervertida no individualismo. Massificação/individualidade, globalização/exclusão, são dimensões da vida que colocam as CEBs diante do desafio de definir sua ação socio-política no final do milênio.

Tal complexo tema do 9º Encontro foi trabalhado em seis blocos, num clima de muita vibração, onde se partilhou e refletiu as lutas, problemas e propostas das CEBs. Na sua terceira geração, enfrentam desafios como o neoliberalismo, o diálogo com as religiões afro-brasileiras, as questões indígenas, os movimentos populares, as expressões do catolicismo popular, o pentecostalismo, fora e dentro da Igreja, a cultura de massa. O método usado foi: ver, julgar, agir, avaliar e celebrar.

2.9. Nos blocos, a base representada

Cada bloco temático teve um nome escolhido, homenageando uma pessoa. Pessoas que fizeram história nas CEBs e já partiram para a Estação da Festa Definitiva. Dentre eles, o índio Pataxó, Galdino Jesus dos Santos, patrono do bloco Indígena; a Mãe Dudu, há 20 anos, chefe da Casa de Nagô, do culto minagô, de São Luís, patrona do bloco afro; e Pe. Cláudio Bergamaschi, com uma linda história de profeta nas lutas pela justiça e na animação das CEBs, falecido este ano num acidente de ônibus; Dona Senilda, gaúcha, afro-descendente, que atuou nas CEBs principalmente em Gravataí, Rio Grande do Sul, bem como colaborou na preparação de encontros de CEBs. Os Mártires da Caminhada foram os patronos do Grande Plenário.

No segundo dia do encontro, logo de manhã, os seis blocos temáticos, reunindo uma média de 420 delegados cada, desenvolveram os temas: Catolicismo Popular, Religiões afro-brasileiras; Pentecostalismo; excluídos e movimentos populares; cultura de massa; e questões indígenas. Tais trabalhos duraram toda a quarta e a manhã da quinta-feira. Na tarde do dia 17, houve a primeira grande assembléia plenária, com três mil participantes, num ginásio de esportes, quando foi encaminhado a primeira síntese da discussão nos blocos. Na manhã da sexta-feira, 18, os blocos temáticos continuaram seus trabalhos, discutindo “a metodologia de trabalho com as massas” no contexto do tema próprio a cada um deles. À tarde os delegados se encontraram por delegações de cada regional, para discutir “pistas de ação” e encaminhamentos práticos.

A plenária da manhã e o início da tarde do último dia, foram dedicados à conclusão dos debates feitos por regionais na véspera e para a aprovação do texto final da Carta do 9º Encontro.

2.10. Celebrar com irmãos e irmãs

As celebrações litúrgicas foram sempre ricas nas expressões das culturas, religiões, raças e etnias presentes nas CEBs do Brasil, bem como do sofrimento e esperança envolvendo-

nos no tema do Encontro — “CEB, Vida e Esperança nas massas”. Na abertura, à beira-mar, estavam lado a lado, a mulher, o pastor evangélico, o arcebispo, a mãe de santo e o pajé indígena, orando juntos, fraternalmente. Um sonho de paz se realizando em nossas terras. Uma grande arrancada rumo à Estação da festa eterna. Como esta, as demais noites reservaram aos participantes momentos de muita alegria e integração. Na celebração dos mártires, no meio do encontro, na quinta-feira, fizemos memória a tantos e tantas que entregaram suas vidas pelos irmãos, seguindo os passos de Jesus, na construção do Reino.

A celebração matinal do último dia, realizada durante grande plenário no ginásio dos Maristas, foi coordenada pelos evangélicos (80 pessoas). Às 16 hs desse dia, terminados os trabalhos, os participantes do 9º Intereclesial saímos em caminhadas pelas ruas de São Luís, até a Praça Maria Aragão, onde, desde a manhã estavam concentrados milhares de pessoas vindas de todo o Estado para a Romaria das Comunidades. A “Celebração do Envio” dos delegados das CEBs de volta para suas comunidades, aconteceu às 17 hs e reuniu mais de 5.000 pessoas, num lindo pôr do sol da ilha.

2.11. O brilho nos olhos da gente

A noite cultural foi num parque e mostrou-nos como é forte e bela a resistência cultural do povo maranhense que cultiva suas raízes, com danças e músicas. A apresentação do supra-sumo do folclore maranhense, deu destaque a dois grupos de bumba-meu-boi, duas danças típicas (tambor de crioula e cacuriá) bem como cantores e grupos musicais da terra. Em todo o Encontro prevaleceu um jeito próprio de ser Igreja, a partir da base popular, e, à luz da Prática de Jesus, renovamos a opção preferencial pelos pobres, assumimos os compromissos dos blocos, como o do bloco “Cultura de Massa”: uso competente dos Meios de Comunicação Social e apoio às rádios comunitárias.

Nas diversas entrevistas, a mais marcante foi a definição de CEB da dona Edite, 63 anos, liderança da periferia de Fortaleza: “nas CEBs, todo povo é vocacionado”. Falou a partir de sua experiência de luta e participação na comunidade, onde descobriu haver espaço para as pessoas no serviço a favor da vida.

Assumimos em preparação ao Novo Milênio, fazer de 1999 o ano do Grito dos Excluídos da América Latina e Caribe e, no ano seguinte, celebrarmos “CEBs: 2.000 anos de caminhada”, tema do 10º Intereclesial, em Ilhéus, Bahia.

3. CELEBRANDO O DEUS DA VIDA

Certamente, um dos espaços mais significativos para conhecer a caminhada das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e esboçar um retrato de seu rosto no atual contexto sócio-ecclesial é a participação de sua vida celebrativa. As celebrações representam uma dimensão muito rica da vida das comunidades eclesiais e se pudéssemos dar alguma peculiaridade das CEBs, além de sua típica militância na transformação social, seria a sua fecunda vida litúrgica.

As CEBs animam profundamente a vida litúrgica e celebram o mistério pascal profundamente vinculado à sua vida e à sua história. Existe, como na vida litúrgica bíblica, uma grande simbiose entre o mistério da fé do povo e os fatos ligados à sua existência cotidiana.

As CEBs vivem o que celebram e celebram o que vivem. Esta é a grande utopia das liturgias celebradas neste 9º Encontro Interecclesial de São Luís, no Maranhão.

3.1. Entre velas e bandeiras

Muito se celebrou no Interecclesial. Celebraram-se em momentos fortes, grandes eventos comemorativos e pequenas celebrações foram momentos específicos de ação de graças, de memorial, de penitência e de louvor. Celebrou-se intensamente em celebrações vivas e ricas. Celebrações com o rosto vivo de Jesus encarnado, na cultura dos índios e dos negros, nas mãos calejadas dos movimentos de luta popular, na sede de louvor do catolicismo rústico da religiosidade popular e dos grupos pentecostais. As forças que se juntavam no canto à vida dos grupos urbanos e rurais que desafiam os dragões do poder neo-liberal.

Podemos descrever três grandes celebrações que marcaram o 9º Encontro.

3.2. O grito de esperança na abertura do encontro.

Na primeira noite do encontro, na Praça Maria Aragão (uma líder comunitária, que na política assumiu heroicamente as lutas populares e batalhou em favor das classes oprimidas), a multidão se reuniu para confraternizar seu encontro com Deus e com todas as comunidades, que dos vários cantões do Brasil e mesmo do mundo vieram somar forças na instauração do Projeto de Jesus Cristo.

Líderes religiosos, desde bispos, sacerdotes, pastores, caciques e mães de santo presidiram a grande Acolhida. Todos se sentiam irmanados no mesmo projeto, o de realizar o Reino de Deus entre os pobres.

Um texto bíblico foi lido em várias línguas, desde as latinas (italiano, francês, espanhol, além do português), as línguas saxônicas, germânicas e muito carinhosamente em língua africana e indígena. A partir daí se manifestava o espírito ecumênico, que deveria permear todo o evento. Foram realizados cantos que manifestavam sempre a união das confissões religiosas em favor de um mundo mais justo e solidário, contestando sempre a situação de miséria e maltrato de nossa gente brasileira e latino-americana.

Todas as religiões presentes puderam realizar sua profissão de fé, através de um canto ou de uma prece, voltando seu espírito a Deus e na comunhão em seu Nome, pedir sua presença e seu espírito na luta e na caminhada.

No momento mais solene da celebração, alguns líderes religiosos se uniram para acender o fogo, símbolo da presença viva de Deus, fazendo memória dos nossos cultos primitivos, que neste gesto uniam os habitantes do planeta aos antepassados, seus santos e mediadores, e mesmo a natureza-cosmos à divindade criadora.

Todos foram abençoados e, com grande euforia foram encaminhados para a tarefa de fecundar a caminhada das CEBs através de sua dedicação e devoção à própria missão.

3.3. Multidões em vestes brancas na celebração dos mártires

Na noite de quinta-feira, os participantes do Intereclesial, numa grande concentração, viveram momentos intensos de celebração litúrgica (preparada pelos participantes do Brasil centro-oeste), tornando presente a memória dos mártires que tombaram na caminhada. Nos trilhos do grande mártir Jesus Cristo — protótipo dos mártires cristãos e que tombou na luta pela libertação religiosa e sócio-política de sua gente — foram recordados os mártires latino-americanos, que deram suas vidas na luta pela terra, pelas crianças, pelos camponeses, pelas liberdades democráticas e pela justiça.

Trazendo em suas mãos os ramos dos mártires, cujo verde expressa a esperança na vida e, no seu balouçar manifestam o espírito forte, permanente e vivo, mesmo quando os corpos são sacrificados pelos algozes do poder que manipulam seus franco-atiradores entre policiais e grileiros.

Aos poucos, cada participante foi ocupando seu lugar no cenário formado por um altar no centro da quadra, ornamentada com um pano afro. Ao lado havia um ambão e à frente, cinco velas coloridas formando um candelabro. O grupo da animação tinha vários instrumentos: sanfona, violão, atabaques, entre outros.

As músicas estavam em sintonia com a celebração, por isso, elas eram de cunho social e político. São músicas que surgem da luta, experiência do povo comprometido com a vida.

A abertura da celebração foi marcada pela entrada silenciosa de um grupo de pessoas: homens e mulheres vestidos de branco, que se aproximavam do microfone e pronunciavam o nome e o lugar de cada mártir.

Entram também três pessoas (duas mulheres e um homem de branco) que ocupam lugares de destaque entre os mártires. O rapaz representava Jesus: cabelos compridos, túnica branca e rosto marcado com três traços, símbolo de luta.

O presidente da celebração, Dom Pedro Casaldáliga, outros bispos e pastores protestantes continuam a celebração com a saudação aos presentes.

D. Pedro fala do compromisso com os sofridos e declara que para testemunhar a fé cristã não bastam o corpo e sangue de Cristo, mas precisa-se de mártires, sobretudo o próprio mártir Jesus. Segue o ofertório no qual se reza por todos os que lutam e são perseguidos por defenderem a vida.

A comunhão foi pão ázimo e todos os participantes fizeram a experiência da partilha.

3.4. A celebração do envio

No sábado, todas as comunidades se reuniram para a celebração do envio. Esta celebração envolveu a cidade e as comunidades de base de a região. Uma grande multidão se aglomerou na Praça Maria Aragão e saiu em caminhada em busca de um espaço comum, onde pudesse viver o grande ritual do encontro. Toda a cidade de São Luís celebrou junto e participou deste acontecimento. Os meios locais de comunicação social, os grupos populares eclesiais e civis e toda a multidão formavam um único povo manifestando sua força e sua vontade de lutar e transformar a sociedade.

Na caminhada, além de cantar e rezar, respondíamos algumas frases que nortearam o nosso encontro durante os quatro dias. Foi um testemunho para muitos que estavam na rua sobretudo para aqueles que se encontravam em suas casas e, ao mesmo tempo saíam nas janelas e nos saudavam na alegria.

Mais tarde, chegam os grupos das romarias, que vieram a pé dos vários pontos da cidade, para formar com os um demais grande grupo.

Deu-se início aos ritos, envolvendo representantes de outras religiões, mãe de santo, pajés, pastores e vários bispos, padres e leigos. Pôde-se constatar como o encontro transcorreu na paz, alegria e fraternidade; fruto da ação do espírito agindo nas CEBs.

Na homilia, Dom Paulo Ponte destacou como o encontro fora frutuoso e o próprio Jesus se fizera presente no meio de seu povo. Enfatizou ainda que já somos herdeiros da terra no céu e que devemos unir forças e reivindicar terra na terra.

A oração eucarística correu normalmente, até o término com as bênçãos finais e agradecimentos da coordenadora geral do encontro: Irmã Maria Lusinete, que encerrou o encontro desejando a todos os participantes um feliz regresso às suas cidades e Estados.

3.5. As pequenas celebrações

Além dos grandes momentos celebrativos, os seis blocos, que se reuniam em diversos lugares da cidade, celebravam durante o período de suas reuniões e debates.

Podemos descrever algumas celebrações, para dar uma idéia do significado da liturgia para o povo reunido neste Intereclesial.

No bloco “religiões afros brasileiras” houve várias celebrações. Cada dia era enfocado um símbolo: água, pipoca, palavra de Deus presente na história do povo negro, o atabaque, dança, música, tudo presente na raiz da cultura afro-brasileira e que ajudam os negros a rezarem.

Junto aos índios, o enfoque se deu a partir de sua cultura, rezas e símbolos (cocar), cuja sobrevivência se encontra tão ameaçada hoje. As celebrações encerravam-se sempre com a bênção de um pajé e do bispo presente, D. Pedro Casaldáliga, e outros de outras raças ou religião.

No bloco “catolicismo popular”, foram as formas mais populares de se celebrar e rezar com cantigas, rezas, fotos, cartazes e símbolos que também foram resgatados como algo vivo nas CEBs e que deve nos mostrar nossas caminhadas.

Assim, houve muitos momentos celebrativos vivos e significativos nos vários blocos.

4. UMA VISÃO LITÚRGICA

4.1. Um povo que celebra

Reunidos no Intereclesial, todo o povo acredita profundamente no Deus da vida, que fortalece sua luta e por isso celebra com grande vigor e participação. Percebe-se desde o início que o povo quer celebrar e viver a sua luta perante Deus. Sua luta é muito significativa. Ela toma sentido novo quando é celebrada e vivida ao redor de Deus, numa manifestação profunda de fé.

Percebe-se que o povo se reúne para celebrar, fazendo da liturgia o ponto de partida e o impulso para tudo o que está por acontecer. Ele quer celebrar para dar sentido religioso e cristão à sua reflexão e luta cotidiana. Celebrar no início de cada atividade quer dizer valorizar o encontro de vida e de fé, de amor e fortalecimento, que fecundam todos os passos a serem dados ao longo do encontro.

Tudo começa e termina em celebração. Esta recolhe os momentos mais fortes das reflexões e dos depoimentos. A celebração é como se toda a assembléia reunida elevasse ao Deus da vida todos os seus clamores, todas as suas conquistas e todas as suas propostas. A liturgia legitima a caminhada. Este povo sabe caminhar apenas com o olhar voltado para o seu Senhor, que lhe impulsiona para a luta e o convida a caminhar, destemido e esperançoso, na busca de dias melhores.

4.2. As dores e as alegrias da vida

Toda celebração, ainda que de modo espontâneo, percorre o conhecido método do ver, julgar e agir, que está presente na própria metodologia do encontro. Não acontece de modo formal e acadêmico, mas ao contrário, de forma simples e funcional. O encontro seguiu este método para viver, em etapas concretas, a vida como ela acontece em nossas comunidades. O primeiro dia foi um olhar sobre a realidade, o segundo, o julgamento destas realidades a partir do projeto do Reino de Deus e de Igreja para o povo, e, no terceiro, propostas concretas de ação para transformar a realidade sofrida de nossa gente.

As celebrações traziam sempre os fatos da vida, que eram apresentados de forma simples e clara, sem fórmulas acadêmicas. Havia sempre uma tomada de consciência do que está acontecendo no mundo. Os grupos traziam fatos de sua realidade, que eram apresentados de forma a mais variada, para que se pudesse, através deles, destacar o elemento existencial da celebração.

Num segundo passo, muitas vezes misturado ao primeiro, manifestava-se o projeto de Deus, por meio de leituras bíblicas ou por projetos populares de defesa da vida, como direitos humanos, projetos ecológicos, utopias de grupos de militantes e outros conteúdos, todos manifestando o “sonho de Deus para o mundo”. Estas utopias comunitárias eram relatadas e confrontadas com as realidades apresentadas, para que se realizasse um juízo e descobrisse os caminhos novos a serem trilhados, em favor de mais vida para o povo sofrido, que era o rosto das gentes das CEBs,

Num terceiro momento, os grupos buscavam celebrar suas propostas, discutidas e discernidas durante as reflexões. Apre-

sentavam a Deus sua vontade de transformar e pediam forças para realizar seus projetos, conforme o bem querer de Deus.

Assim, examinado o processo de empobrecimento dos camponeses, analisava-se o projeto bíblico de Deus pela terra e buscava-se discernir as formas de ação, para realizar o projeto de defesa de vida digna para todos. Analisando o fenômeno de discriminação da gente negra, julgava-se esta realidade pelas leituras bíblicas da igualdade e da justiça, e os projetos de libertação desta gente, celebrando os caminhos a serem trilhados para que toda desigualdade fosse vencida.

Desse modo, compreendia-se que a liturgia que fora a fonte da vida de fé, tornara-se o seu ápice. Tudo partira da celebração, como fonte iluminadora da caminhada, e igualmente tudo voltava para Deus, como catalizador de toda realidade humana. Partia do dado da fé, como fonte de luz para clarear a realidade, voltava para o “altar de Deus”, para celebrar, lamentando as derrotas e enaltecendo as conquistas.

4.3. Criatividade e espontaneidade

Podemos considerar a fecunda criatividade que se manifesta nos vários momentos celebrativos durante o período do 9º Intereclesial.

As pequenas assembléias, divididas nos seis blocos e mesmo a grande assembléia, que reuniu todo o povo participante nos três grandes momentos de celebração, partem sempre de um tema a ser celebrado, que permeia todos os espaços.

Assim, por exemplo, a “busca da unidade”, que foi um tema celebrado no Bloco “Pentecostais e CEBs” organiza o seu roteiro, criando os vários momentos. Canto de acolhida e cumprimento de líderes religiosos de várias confissões religiosas, dão a abertura do Rito — Uma pequena encenação com “laços de papel” que se rompem manifestando o “pecado” de ruptura da unidade”. Apelo, por meio de um texto bíblico sagrado, ao retorno à Unidade primordial e busca de um ideal comum: o mundo novo e liberto das divisões, representam o caminho do agir, que se dá pelo compromisso comum com a defesa da vida.

O esquema celebrativo e seu ritual não são formais, mas criados a partir do tema, da realidade existencial da assembléia e das suas propostas. A criatividade na preparação ritual que tem lógica e propostas bem claras, é alcançada em mutirão e os temas são celebrados com espontaneidade e coordenação.

Esta amostragem do momento celebrativo do Encontro deixa-nos perceber a tonalidade criativa e espontânea que permeou todo espaço litúrgico dentro do 9º Intereclesial de São Luís do Maranhão.

4.4. A simbologia nos ritos

Os símbolos tomam cada vez mais espaço nas celebrações de nossas comunidades. O apelo da imagem e a manifestação dos fatos e valores da vida no culto tornam-se os símbolos sempre mais evidentes, expressivos e instrumentos da evangelização.

A riqueza dos símbolos deu um colorido muito significativo para os momentos celebrativos. Desde os símbolos mais universais, que representavam os elementos e valores como a luz e o fogo, até os mais específicos de alguns grupos como palmeiras, imagens (destacam-se Padim Cícero e Maria de Aparecida), penas e cocares, bandeiras e cruzeiros entre inúmeros outros.

Nascendo do encontro fé-revelação e realidade cotidiana, os símbolos manifestavam-se como uma simbiose do divino-humano em comunhão e a caminho.

Os símbolos que se tornavam instrumentos do discurso religioso e sua resposta na ação litúrgica, delimitavam três níveis muito bem definidos.

Partindo do folclore, primeiramente, muitos símbolos eram exaltados como expressão da cultura e dos sentimentos dos grupos étnicos ou sociais. Muitas vezes, estes símbolos não eram originários de toda a assembléia, mas eram partilhados e por todos comungados e solidarizados. Neste fato, notava-se também a superação da ruptura entre sagrado e civil na vivência dos trabalhos, como expoente da mesma realidade.

Num segundo nível, destacavam-se diversos símbolos culturais (elaborados ou colhidos da natureza como correntes, anéis, galhos, penas, palmas, cadeira e tantos outros), que mantinham seu aspecto pedagógico. Esta simbologia de dimensão pedagógica visava sempre partir dos elementos vitais para transmitir um retrato da realidade, um pedido de perdão, um ato memorial e também ação de graças. Tais símbolos tornavam-se a representação dos sentimentos religiosos humanos, comungados na assembléia e externados no culto.

Por fim, símbolos já representativos de uma profunda eficácia sacramental, como a água de purificação, o fogo de arrependimento, a benção da terra, o toque e a imposição das mãos, para além de sua significação pedagógica, tornavam-se significativos da força de Deus na caminhada.

Os símbolos dinamizavam os ritos e davam vida e calor aos mesmos símbolos. Formava-se um povo em comunhão com Deus na construção da comunhão humana.

4.5. Liturgia como espaço profético

Memorável o espírito dramático e de esperança da celebração dos mártires.

Gente sofrida e sofrendo. Mártires no sangue e no ideal; mortos e morrendo. Vítimas primordiais dos ídolos de morte e mártires solidários; no meio do povo nascido, filho das gentes, martirizadas, e no meio do povo renascido, filhos de gente solidária-missionária.

As liturgias, na tristeza da penitência ou no clamor da indignação, ressaltavam sua dimensão profética: é preciso parar a opressão, excluir a exclusão; vencer as forças que maltratam as etnias-minorias; que é a grande massa de excluídos: negros, índios, camponeses, mulheres, operários, pobres e o os que foram feitos miseráveis pelos sistemas políticos e sociais.

A celebração da pipoca “dos grupos afros, que a vida explode mesmo no maltrato do fogo, as pequenas marchas” dos excluídos, qual Davi enfrentado Golias, as expressões culturais do povo autóctone se rebelando contra o massacre imperialista e a luta pela terra na voz de Deolinda. Todas as pequenas liturgias do cotidiano e as grandes celebrações revelavam a força teimosa do povo que celebra para alimentar suas utopias e cultiva suas utopias para celebrar o Deus da vida.

Mãos para cima, mãos em punho, vozes uníssonas, frases como gritos de guerra fortaleciam — nas celebrações — os ânimos de um povo que não se anulará perante seus algozes, mas lutará unido nos ideais e fortalecido na certeza que Deus não o abandonou.

4.6. Ecumenicidade

Deus clama e reúne o seu povo, todo o povo, homens e mulheres, várias etnias, diversas nacionalidades e inúmeros credos.

O Deus — sem nome e de todos os nomes— reúne os seus filhos que se congregam na luta pela vida, por seus direitos e pela busca de melhores dias num mundo melhor.

O povo, nas grandes assembléias de culto, volve seus corações ao seu Deus — verdadeiro e solidário conosco — e assim sentia-se confiante e incorporado na mesma marcha, na construção do Reino dentro da história.

As celebrações dentro dos grupos eram muito respeitosas, na qual se evitava arduamente a exaltação das diferenças doutrinárias ou simbólicas. Para longe, toda apologia, proselitismo e superioridade. De fato, no grupo pentecostalismo e CEBs buscava-se sempre novas pistas para dialogar partindo das lutas comuns e da convivência cordial.

Não se negavam as peculiaridades de cada credo — cristão ou não — ao contrário, traziam-se ícones budistas e assim por diante. Estes elementos eram assumidos pela assembléia, que lhes dava reverência e que representava a comunhão com o outro, na sua mais íntima identidade antropológico-confessional.

O ecumenismo nas celebrações do 9º Intereclesial se faz com a partilha dos valores e credos de todos os grupos confessionais, confirmando a convicção de suas profissões e doutrinas e, sobretudo, somando suas forças na luta pela utopia de todas as confissões: a vida plena de toda a humanidade.

Teríamos que aprender as liturgias. Seria fanatismo e falta de capacidade crítica exaltar as celebrações deste intereclesial como ritos perfeitos e intocáveis. Mesmo quando vivenciados, eles tocam profundamente a alma pessoal e coletiva da assembléia. Podem ser, serenamente, evidenciadas algumas limitações e momentos críticos que, numa abordagem litúrgico-teológica, não podem deixar de ser interpelados. Não se trata de um discordar subjetivo, que depende do olhar crítico pessoal, mas incoerências dentro da própria lógica dos momentos celebrativos e seus objetos.

4.7. Confusão de Ministérios

A ecumenicidade das celebrações é marca registrada das liturgias das CEBs. Ao redor do mesmo altar, povo de diversas confissões religiosas celebram o mistério de sua fé e sua comunhão. É inegável a validade destes acontecimentos litúrgicos, pois as peculiaridades religiosas não dividem a assembléia, mas a completam e unificam.

Destaca-se, porém, a preponderância de certos ministros do culto — particularmente os católicos — que centralizam a celebração, relegando a outros apenas o cenário coreográfico dentro do rito. Assim, existe um grande desequilíbrio dentro do desenvolvimento ritual e os ritos minoritários não são respeitados.

Trata-se aqui da expressão religiosa e não linguístico-cultural. À parte isso, incorre-se numa outra dimensão, que é a confusão confessional. Impõe-se o critério dos elementos religiosos peculiares ao cristianismo e ao catolicismo. Os fiéis de outras denominações são obrigados a negar as suas crenças e professar a crença dos grupos religiosos preponderantes.

O culto pode e deve ter sua pluralidade, na qual todos os aspectos religiosos são intercomunicados, mas deve ter um eixo que seja abrangente a todos fiéis celebrantes e não impor à assembléia os aspectos religiosos (como o culto dos santos e eucarístico) que são específicos de um grupo, ainda que compreenda a maioria absoluta dos fiéis reunidos.

4.8. Uma perigosa apresentação teatral

A monotonia é um vírus erradicado da vida litúrgica dos encontros intereclesiais com a vida e a rica linguagem, entre

outros. Na linguagem que se faz por meio de cartazes, narrativas grupais e principalmente encenações, destaca-se uma liturgia viva, ativa e participativa: este é o apelo da Igreja para nossas liturgias.

Deve-se notar, porém, que a repetição e a convergência teatral da linguagem leva a uma certa (ou possível) dimensão exibicionista. O conteúdo da fé e da vida são representados e, na sua repetição monótona, dá-se a massificação da assembleia, que passa a ser controlada e manipulada por ministros-líderes, muitas vezes exercendo mais função imaginária que real. Os fatos teatralizados são jogados para o “espaço do irreal”, como que transformados em ficção da realidade. Seu alicia-mento provoca emoções, mas pode minimizar o compromisso coletivo.

Superar o “aspecto de espetáculo” é uma missão delicada para que o conteúdo da celebração, em linguagem moderna, possa brotar da vida e incidir na vida, levando a um compromisso com as lutas transformadoras.

4.9. Seguir seguindo

As CEBs ficaram mais fortalecidas, animadas e refletidas quando realizaram seu papel na história da Igreja e da Sociedade em nosso continente. Mas, continua o apelo pois ainda há muito por fazer. Elas refazem suas forças para continuar contribuindo com a vida de nossas comunidades, particularmente no seu aspecto profético e na comunhão com o povo excluído, que luta por digna sobrevivência.

O 9º Encontro Intereclesial das CEBs trouxe luzes e vida nova para as reflexões litúrgicas e mostrou novamente que no projeto de Jesus Cristo, a vida é o grande mistério celebrado no altar do Pai e o Espírito sopra no coração aberto dos pobres, que tornam-se os nossos mestres: o povo celebra o nos ensina a celebrar com vigor e com ardor. Nas CEBs, a liturgia anima a vida e a vida vivifica as celebrações litúrgicas.

5. A FÉ VIVIDA NAS CEBs

Para se compreender a realidade das CEBs de hoje, é sempre bom recordar a vida das comunidades cristãs primitivas. Alguns escritos de São Paulo dão testemunho da vida daquelas comunidades.

5.1. A comunidade na Igreja nascente

Ao reler as cartas paulinas nota-se, por um lado, algumas constantes no que se refere à imagem da Igreja nascente, que

vão na linha de uma unidade. Isso é mais nítido entre as epístolas indubitavelmente paulinas e nas do cativo (Efésios, Colossenses, Filipenses e Filemon) do que nas pastorais (Timóteo e Tito). Por outro lado, constata-se também uma pluralidade, em particular a passagem da igreja/assembléia para a igreja/corpo do Cristo. Esse dado (unidade/pluralidade) torna presente o problema hermenêutico: qual é a imagem mais autêntica da Igreja: a de assembléias locais ou a de uma Igreja universal? a de igrejas em que prevalecem os carismas ou a de uma igreja que tende a hierarquizar-se? Haveria um modelo privilegiado? Ou é preciso manter a pluralidade na unidade como fundamento canônico de uma visão da Igreja? Neste último caso, o cânon é fundamento da pluralidade, ou, fundamento da uniformidade? Será necessário estabelecer tal oposição entre os dois aspectos da Igreja no Novo Testamento?

A primeira Carta aos Tessalonissenses usa duas vezes a palavra "igreja" (1,1; 2,14) e em ambos os casos trata-se de igrejas locais, da Judéia e de Tessalônica. Entretanto, essas igrejas estão ligadas entre si pela eleição que vem do amor de Deus e pela palavra do Evangelho, que receberam e à qual permanecem fiéis. Sua união repousa na fé e no amor. A Igreja, desde sua fundação até a vinda da parusia, repousa na Palavra de Deus que chama à santidade, e em particular ao amor fraterno. Essa responsabilidade de uns para com outros se verifica entre apóstolo e Igreja; entre igrejas e entre membros das igrejas. Esse aspecto da Igreja como comunhão de irmãos ou das igrejas já está explícito nessa carta. Entretanto, a abertura da comunidade para com o mundo pagão é ainda muito menos desenvolvida. Certas estruturas eclesiais já começam a aparecer, mas é preciso evitar paralelos com as instituições de tipo hierárquico, que vão se impor quando a perspectiva da parusia se fizer menos imediata. Permanece uma ligação entre o apóstolo e a igreja que ele fundou. É uma relação de autoridade que se exprime através do envio de um delegado ou de uma carta. Mas essa autoridade é a da Palavra de Deus, da qual Paulo é o ministro. Ela exige do apóstolo não só a palavra, mas o dom de sua vida. No interior da comunidade deve ainda exercer-se uma responsabilidade mútua dos fiéis. É nessa perspectiva que o Espírito suscita os carismas do profeta que deve responder às questões pela palavra do Senhor, dos cristãos chamados a cuidar de seus irmãos, a sustentá-los na prova. Trata-se de dons relativamente espontâneos e livres, mas que devem ser examinados, discernidos à luz do bem que deve ser promovido no interior da Igreja.

A Carta aos Coríntios não é um tratado sobre a Igreja, mas a resposta do apóstolo a problemas concretos da comunidade. Ele não visa as relações entre a igreja local e a Igreja universal.

Entretanto, Paulo coloca as bases de uma visão mais universal da Igreja. Se a imagem de templo do Espírito pode ser fechada numa comunidade local, o mesmo não ocorre com o tema do povo dos últimos tempos e, menos ainda, com o tema do Corpo do Cristo. Paulo utiliza um vocabulário que implica, de fato, uma visão de Igreja una e universal. Sua função de apóstolo une as comunidades entre si. Ele intervém para manter uma edificação sobre o fundamento único do Evangelho que liga as igrejas. Ele vai mais longe ao manter as tradições das igrejas, sem dúvida judeu-cristãs. Se ele combate o individualismo dos coríntios é porque pressente um perigo de divisão, não apenas no plano local mas também entre as igrejas. A coleta para Jerusalém (16,1-4) é um sinal de unidade.

5.2. Assembléia, sinagoga, igreja

Os gregos do tempo de Jesus designavam a assembléia do povo como “igreja”. Paulo utiliza-se desse termo profano e o aplica para a assembléia de um grupo cristão reunido “em igreja” (1Co 11,18). A palavra *igreja* é quase sinônima do termo *sinagoga* para exprimir a assembléia do povo de Deus enquanto reunido para o culto. A Igreja é a comunidade dos homens e mulheres agraciados pela salvação em Jesus Cristo (At 2,47), cujo desígnio de salvação foi concebido “*desde antes da criação do mundo*” (Ef 1,4).

É preciso ainda que a Igreja esteja inserida no mundo para poder responder ao pecado. Há rupturas e continuidade entre o Israel dos patriarcas e a Igreja do N.T. O AT prepara e prefigura a Igreja. Jesus a revela e a funda no contexto da pregação do Reino de Deus. A Igreja, primordial realização de um reino que não é deste mundo (Jo 18,36), vai realizar e superar as mais pretensiosas profecias de caráter universal do AT (por ex. Jonas; Is 19,16-25; 49,1-6).

A Igreja segundo Paulo é uma entidade que subsiste neste mundo mas devido a sua natureza mais profunda pertence ao mundo futuro. Ela antecipa o novo mundo. Possui em si os bens que permitem a salvação: justificação, ressurreição, união com Cristo, se bem que de modo imperfeito.

5.3. Igreja universal ou comunidade local?

A pergunta se a Igreja (*ekklesia*) deve ser traduzida por uma Igreja (universal) ou comunidade (local) deve ser formulada sem preconceitos confessionais, dada a diversidade de matizes que se encontram nos diferentes textos do Novo Testamento. A Igreja de Deus em Jesus Cristo no NT é ao mesmo tempo universal e local. Isso é próprio da dinâmica e da natureza da

Igreja. A comunidade local não é a representação da Igreja universal. Esta, por sua vez, não resulta da soma de comunidades locais. A comunidade local é em si e em sentido pleno, "Igreja de Deus" (cf 1Ts 1,1; 1Cor 1,2) como também a comunidade supra local de todos os fiéis. Esta última não deve ser pensada como uma entidade abstrata.

Novo Testamento crê em Deus a Ele entregando-se, porém crê a Igreja, isto é, que a Igreja é a comunidade dos fiéis, em que o agir salvífico de Deus em Jesus Cristo torna-se, pelo Pneuma, experimentável e operoso. Ora, isso é válido enquanto a Igreja permanece realmente no seguimento de Jesus e pratica "as obras de Cristo" (Mt 11,2), ou seja, fica do lado dos pobres deste mundo, representando assim e ao mesmo tempo "a causa de Deus" (Mc 8,33), com a disponibilidade ... renúncia de si".²

²P. EICHER, *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. Petrópolis, Vozes, 1993, p. 370

5.4. Igreja, Reino e Mundo

A partir do modelo de igreja primitiva, presente nos textos do Novo Testamento, reconhecemos o modelo de igreja presente nas CEBs. A vida das CEBs verifica-se na prática. Nas CEBs busca-se articular as dimensões de Reino, de Mundo e de Igreja. O Reino, apresentado sempre como a grande utopia ou sonho de Deus. Por isso se dá tanta importância à leitura, reflexão e celebração da Palavra de Deus nos grupos de CEBs. O Reino realmente traz a libertação e intervém na história humana. As estruturas vigentes no mundo possuem dupla natureza. Há aquelas que exprimem os valores do Reino e por isso devem ser cultivadas. Há outras que se opõem ao Reino e devem ser combatidas. A luta se dá no nível do mundo. Exige-se portanto a participação ativa dos fiéis na luta contra as estruturas do mal presentes no mundo. Somente dessa maneira o mundo se torna o lugar da realização histórica do Reino de Deus. A Igreja, enquanto comunidade dos fiéis que puderam discernir no mundo os sinais do Reino de Deus, busca ser seu instrumento como anúncio da salvação. Todos nas CEBs sabem que o Reino de Deus se situa bem mais além da Igreja e da própria comunidade de base. As opções que se devem fazer em favor dos pobres e oprimidos, querem manifestar com ênfase a aproximação da vida neste mundo com a proclamação definitiva do Reino de Deus anunciado por Jesus.

5.5. Libertação das estruturas do pecado

O lutar por transformar a situação de injustiça fica cada vez mais claro para os membros das CEBs. Trata-se de algo muito mais profundo do que a transformação externa das es-

truturas iníquas. Hoje as comunidades já se dão conta da necessidade de aprofundar a subjetividade e compreender que a libertação das estruturas de pecado passa pela salvação de cada pessoa individualmente e como grupo. Não se trata somente de dar melhores condições de vida às pessoas. Trata-se de lhes oferecer algo que as transforme de modo definitivo e que, portanto, seja capaz de transformar de modo permanente este mundo e as estruturas que aí estão. Por essa razão, a libertação que se espera obter através da vida nas CEBs é uma libertação integral que compreende desde a libertação das causas da injustiça e da opressão até as raízes mais profundas que são responsáveis por esse desajuste e que residem no coração humano. Nas CEBs vive-se, pois, uma unidade entre salvação e libertação. Ficou muito claro, no encontro de São Luís, o desejo de dialogar com os movimentos pentecostais acolhendo os irmãos na fé. Mas também se acentuou que o modo de acolher os irmãos não deve sacrificar aquilo que a história das CEBs já adquiriu, ou seja, a consciência de que o pecado tem sua dimensão estrutural e que, portanto, deve ser combatido eliminando-se as causas da opressão pela supressão da exploração.

5.6. Política: forma perfeita da caridade

A forma de combate para a transformação do mundo se inspira no único mandamento que Jesus nos deixou: amar. O amor é a alavanca que move os membros das CEBs nas suas lutas pela transformação do mundo. E o amor não é visto como uma relação apenas interpessoal, mas sobretudo como um ato político. Já o papa Paulo VI nos lembrava que **a política é a forma mais perfeita da caridade**. Não se deve surpreender que, nesse nível, os grupos de CEBs continuarão suas reivindicações por um mundo melhor, utilizando-se da mediação política. Aliás, trata-se de uma utilização consciente e assumida como tal. Só a prática da justiça pode permitir que tenhamos acesso ao Deus da vida.

O modo concreto das comunidades de base afirmarem a luta pela vida varia bastante. É importante sublinhar que todas as lutas por melhores condições de vida são vividas como um sacramento da vida. E isso transparece claramente nas liturgias criadas para exprimir quer uma reivindicação por emprego, quer um protesto para ser sinalizada uma estrada que provoca acidentes, quer a celebração de uma vitória conquistada mediante uma luta. Os membros das CEBs percebem a luta pela vida como o projeto primário de um Deus bondoso que se coloca ao lado de seu povo e lhe concede força para reivindicar. Por outro lado, as forças que se opõem ao projeto de Deus são

percebidas como forças de morte. Desse modo são denunciadas como dominação e opressão.

5.7. CEBs: lugar de comunhão e participação

Enfim, podemos perceber uma dimensão profundamente eclesial na vida das CEBs. Trata-se de uma eclesiologia de comunhão e participação. Os participantes das CEBs se vêem como membros de uma célula de base que, unida a outras células, constituem um corpo orgânico. A imagem de Igreja usada por São Paulo ao falar do corpo e dos membros, aplica-se perfeitamente à realidade das CEBs. Ao se constituir como grupo que reflete e age em nome do Evangelho, os grupos de CEBs buscam ter a mesma sensibilidade de Jesus e de suas opções pelos pobres, doentes e pecadores. A prática religiosa procura refletir essas opções transformando-a sem sacramento. Ao mesmo tempo emerge, como nova realidade, o protagonismo dos leigos dentro das CEBs. Esse protagonismo foi apregoado pelos bispos latino-americanos em Santo Domingo na IV Conferência do CELAM. Daí surgem novos serviços ou ministérios que devem ser acolhidos pela Igreja inteira na medida em que exprimem respostas aos desafios que partem da realidade.

É, pois, na Igreja local e bem particularmente nas CEBs, que vemos desenvolverem-se os elementos todos de uma Igreja universal. Nesse sentido, no particular, desvendamos o universal. A experiência das CEBs mostra que isso é possível porque os valores vividos no concreto das comunidades estão abertos à universalidade.

6. PARA ONDE VÃO AS CEBs?

As CEBs se destacam como uma ação pastoral que clama e luta pela vida nas pequenas comunidades rurais e movimentos populares.

Neste espaço comunitário uma multidão de cidadãos, sem voz e sem vez, independente de sua religião, encontram o Deus da vida, e com Ele lutam pela vida em abundância para todos. A experiência de vida, no contexto de morte, é identificada ao projeto de Deus. As CEBs tornam um espaço de diálogo religioso entre as religiões, sobretudo como lugar das expressões da religiosidade popular e das lutas pela vida.

No contexto de luta, conflitos e exploração, as CEBs articulam uma mística encarnada no seu contexto social, político, econômico e religioso. A Teologia da Libertação aparece como embasamento teórico das práticas pastorais transformadoras no compromisso político e social. Muitos teólogos compromete-

tidos com a causa desse povo que anseia por vida, não medem esforços para que as comunidades cristãs possam cada vez mais ler a Bíblia a partir de suas realidades. Assim, o Deus da vida que se revela na história se identifica com a existência de tantos e tantas que anseiam por uma vida plena. A vida de todos os sofridos, excluídos e explorados é o espaço revelador de Deus.

Cristãos e não cristãos encontram suas motivações nas primeiras comunidades do cristianismo e vivem esta utopia nas comunidades de base. Experimentam a partilha, a fraternidade, a justiça, amor com mediação da ação de Deus no mundo.

As CEBs querem ser uma presença continuadora da ação de Deus no mundo: seja no campo político, religioso, econômico e social. Não se trata de cristianizar a sociedade, mas ser uma voz profética do Deus da vida nos contextos de morte.

Os seus participantes não querem ser apenas um sinal de Deus no mundo, mas sua ação no mundo e abertos ao diálogo. Neste sentido aos poucos cada agente se descobre como participação e comunhão do Reino de Deus no contexto rural e urbano.

Resgata-se a proposta de Deus que faz apelo às pessoas para a edificação de seu projeto. A CEBs não medem esforços para que haja um novo céu e uma nova terra. Terra para todos. Que a vida seja colocada como valor supremo. Assim a terra e o céu vão se unificar.

As CEBs, são também espaço do seguimento de Jesus. Os cristãos descobrem e experimentam a presença do Filho de Deus que se encarnou na história, enfrentou e denunciou as hipocrisias de seu tempo. Eles ousam trilhar os mesmos caminhos de seu mestre. Vivem e testemunham o mesmo Jesus Cristo libertador.

Neste encontro o povo sente-se chamado a viver a radicalidade de Jesus, junto aos mais necessitados e excluídos. Acaba despertando a todos para sua missão sobretudo os que querem viver a consagração.

Portanto, as CEBs é novo espaço teológico onde se realiza o projeto de Deus em favor da vida. Eles se unem e proclamam a edificação da vida para todos. Surgem, assim, novos paradigmas teológicos a partir da cultura, da relação de gênero e das etnias, que dão sentido à experiência concreta de cada povo na relação com Deus: sua história da salvação.

*P. Antonio Sagrado Bogaz
P. Marcio Alexandre Couto
Professores de Teologia Sistemática
F. J. dos Passos
M. Pinheiro
Estudantes
Instituto Teológico São Paulo*